UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Em busca da Fotografia na Educação

Kahena Gadini Pissolato

GOIÂNIA, 2024.

UFG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar o produto final, a autora e o orientador firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome completo da autora: Kahena Gadini Pissolato

Título do trabalho: "Em busca da fotografia na educação"

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [ ] NÃO[1]

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;

- Submissão de artigo em revista científica;

- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.

Documento assinado eletronicamente por **Elinaldo Da Silva Meira, Professor do Magistério Superior**, em 14/12/2024, às 11:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020 .

Documento assinado eletronicamente por **Kahena Gadini Pissolato, Discente**, em 18/12/2024, às 14:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Em busca da Fotografia na Educação

Kahena Gadini Pissolato

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Artes Visuais, da Faculdade de Artes Visuais (FAV), da Universidade Federal de Goiás (UFG), sob a orientação do Prof. Dr. Elinaldo da Silva Meira.

GOIÂNIA, 2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Pissolato, Kahena Gadini
Em busca da fotografia na educação [manuscrito] / Kahena Gadini Pissolato. - 2024.
60 f.

Orientador: Prof. Dr. Elinaldo da Silva Meira.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais, Goiânia, 2024.
Bibliografia.
Inclui fotografias, lista de figuras.

1. Fotografia. 2. Cultura Visual. 3. Educação . 4. Artes Visuais. 5. Caçadores de Alma. I. Meira, Elinaldo da Silva , orient. II. Título.

CDU 7

UFG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao(s) cinco dia(s) do mês de dezembro do ano de 2024 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado "Em busca da fotografia na educação", de autoria de **Kahena Gadini Pissolato**, do curso de Artes Visuais - Licenciatura, da Faculdade de Arte Visuais da UFG. Os trabalhos foram instalados pelo Professor Elinaldo da Silva Meira - orientador do trabalho, com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Profa. Dra. Noeli Batista dos Santos(FAV/UFG) e Prof. Dr. Odinaldo da Costa Silva (FAV/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição da estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final, tendo sido o TCC considerado APROVADO.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

Documento assinado eletronicamente por **Noeli Batista Dos Santos**, **Professora do Magistério Superior**, em 12/12/2024, às 07:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020 .

Documento assinado eletronicamente por **Odinaldo Da Costa Silva**, **Professor do Magistério Superior**, em 12/12/2024, às 08:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020 .

Documento assinado eletronicamente por **Elinaldo Da Silva Meira**, **Professor do Magistério Superior**, em 14/12/2024, às 11:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020 .

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5014360** e o código CRC **F67C7F2E**.

Referência: Processo nº 23070.061805/2024-87 SEI nº 5014360

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, avós e irmãos.

RESUMO

Esta monografia explora o uso da Fotografia e seu poder pedagógico, com o objetivo de compreender a fotografia como uma metodologia de ensino unida à poética focada na prática fotográfica e na sua aplicação no ensino. A partir da metodologia de pesquisa bibliográfica foi feitas análises de dois episódios da série *Caçadores de Alma* para compreensão de como os relatos de fotógrafos(as) colaboram para o entendimento do processo fotográfico e do ensino através da prática fotográfica. A pesquisa integra leituras acadêmicas que abordam a fotografia na Educação que contribui, junto das análises, para a construção de um plano de aula fundamentado na Fotografia, integralizando seu potencial poético, prático e técnico.

PALAVRAS-CHAVE

Fotografia. Cultura Visual. Educação. Artes Visuais. Caçadores de Alma.

ABSTRACT

This monograph explores the use of Photography and its pedagogical power, aiming to understand photography as a teaching methodology combined with poetics, focusing on photographic practice and its application in education. Based on bibliographic research methodology, two episodes of the series Caçadores de Alma were analyzed to understand how photographers' accounts contribute to the comprehension of the photographic process and teaching through photographic practice. The research integrates academic readings that address photography in education, which, together with the analyses, contribute to the construction of a lesson plan grounded in Photography, incorporating its poetic, practical, and technical potential.

KEYWORDS
Photography. Visual Culture. Education. Visual Arts. Caçadores de Alma.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Quintal da vó**……10**
Figura 2 - Abertura da série**……12**
Figura 3 - Parque**……..……...14**
Figura 4 - Vivia! A vida é uma festa**……..……24**
Figura 5 - Life is Strange**……..……..25**
Figura 6 - Frase Chris Marker**……..…….…… 26**
Figura 7 - Fotógrafo camuflado**……..…….……..27**
Figura 8 - Obra da série natureza viva**……..……..……...28**
Figura 9 - Série “Pittoresco” de Antonio Saggese**…….…….30**
Figura 10 - Fotografia de Araquém Alcântara**…….…….…….31**
Figura 11- Registro de Custódio Coimbra no acidente da Baía de Guanabara**…….32**
Figura 12 - Arara-canindé**……..……. 33**
Figura 13 - Fotografia de Iatã Cannabrava**…….…. 34**
Figura 14 - Fotografia de Walter Firmo**……. 35**
Figura 15 - Fotografia de Daniel Kfouri**……. 36**
Figura 16 - Questionamento da série**……..……. 38**
Figura 17 - Ocorrência fotografada por Daniel Kfouri**……..……..... 39**
Figura 18 - Sequestro do 174**……..…… 40**
Figura 19 - Guerra civil**……..…….42**
Figura 20 - Preparatório**……..……43**
Figura 21 - Gráfico da pesquisa**……..……..50**
Figura 22 - Gráfico do total de usuários da internet de 9 a 17 anos**……..……50**
Figura 23 - Quantitativo de respostas**……..……50**
Figura 24 - da série “Encontros”**……..….55**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **10**
1. ATO I **14**
2. ATO II **23**
2.1. Nas trilhas da natureza 26
2.2. Fotojornalismo, a ética e a caça 33
3. ATO III **43**
4. ATO IV **54**
REFERÊNCIAS **56**

INTRODUÇÃO

A partir de uma análise mais aprofundada sobre a Fotografia na minha vida, pude perceber a sua presença e relevância, desde o nascer, em diversos momentos. Graças ao ato de fotografar, dos meus pais (como visto na Imagem 1), pude me apaixonar pela fotografia e entendê-la também como uma expressão artística e isso me motivou a ir em busca de aprender mais com, e pela, Fotografia. Também acompanhada dessa motivação, percebi que pelos caminhos que a atualidade vive, e que se é esperado que continuemos cada vez mais nos deparando com a Fotografia diariamente na nossa rotina, fui em busca de compreender como a fotografia aparece dentro do Ensino e o que podemos fazer para aprimorar nosso conhecimento a partir dela. Entendendo isso, e revisitando anotações e memórias de matérias correlacionadas a Fotografia ,ou até mesmo da própria, notei uma carência do reconhecimento do poder que essa arte nos possibilita. Há ocasiões em que a Fotografia é limitada a um simples apoio pedagógico nas áreas das Artes Visuais, Comunicação, Design, mas é fundamental que encaramos também como um importante conteúdo disciplinar para o ensino, em especial, na educação básica. Isso me fez refletir se estamos de fato explorando a Fotografia na Educação, então defini como o objetivo da pesquisa abranger a fotografia como uma metodologia de ensino unida à poética e projetar um olhar pedagógico que existe pouco principalmente de como uma Fotografia pode ser e ter poética.

Figura 1 - Quintal da vó

Fonte: Álbum de família, 2003.

Neste trabalho, a construção da escrita se entrelaça com o conceito de crescimento, tanto pessoal quanto artístico e profissional, e para ilustrar essa percurso, a cada capítulo será resgatada uma Fotografia de meu álbum de família, desde a infância até os dias atuais. Essas Fotografias registram momentos da minha trajetória que simbolizam o desenvolvimento ao longo do tempo, delineando uma relação entre o amadurecimento das ideias expressas no texto e o crescimento pessoal.

Antes de aprofundar na Fotografia quero apresentar alguns conceitos estudados durante a formação de professora de Artes Visuais. Aprendemos que a educação e o ensino não delimita-se não somente em ambientes institucionais como escola, creches e faculdades; eles também estendem-se a espaços não formais – locais, em que, via de regra, não são reconhecidos como instituições de ensino, como museus, biblioteca e outros; lugares onde partilhamos experiências formativas. Na investigação de como trazer a temática para o projeto, fui capaz de notar que existem diversos documentários de, e sobre, fotógrafos relatando suas experiências, e por consequência, seus aprendizados com a prática fotográfica, ou seja, dados documentais registrados pelo audiovisual com uma grande gama de ensinamentos e aprendizagem, tanto informal, técnico, poético, quanto de autoconhecimento, oralizadas em forma de histórias, relatos, vivências, conhecimentos e memórias.

Em vista disso, a pesquisa é delimitada com base nos métodos de pesquisa bibliográfica considerado que é feito o uso de livros, teses, artigos e principalmente documentários, já publicados, para a análise. Como suporte para a análise dos relatos da pesquisa e para demarcar essa extensa área de estudo, foi utilizado a série documental *Caçadores de Alma*, do professor, cineasta e historiador brasileiro Sílvio Tendler. A série foi publicada em seu canal do Youtube *Caliban I - Cinema e Conteúdo*, em maio de 2014.

A série é estruturada em duas temporadas, totalizando 26 episódios nos quais aborda em cada episódio temas distintos relacionados à Fotografia. Em cada episódio são apresentados relatos de fotógrafos, além dos registros que os próprios realizaram, e que são exibidos durante as falas destes profissionais. Para esta pesquisa, serão analisados dois episódios da primeira temporada, a fim de pensar

na construção de planos de ensino que possibilitem a elaboração de reflexões sobre a Fotografia e/ou práticas pedagógicas no ambiente formativo da educação básica.

Figura 2 - Abertura da série

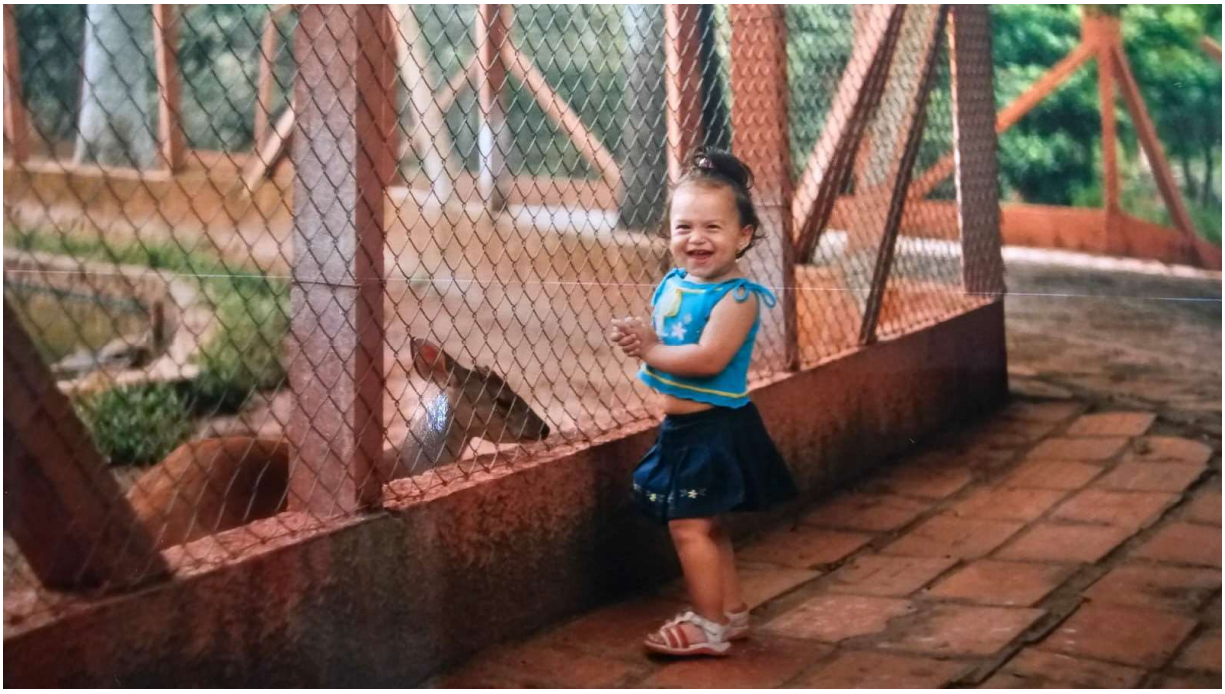
Fonte: Série documental Caçadores de Alma, 2014

Os artigos que me apoiam são aqueles que evidenciam a importância da Fotografia mediante ao ensino, principalmente em sala de aula, visto que a partir de 1930 ela, a Fotografia, começou a ser considerada e ter valor como documentos oficiais para, e sobre, fatos históricos como Campanholi (2014) aponta no seu artigo Fotografia e Educação: O uso da Fotografia na prática docente. Em Compreensão e Interpretação da imagem, Santos e Sardelich (2019), trazem reflexões a partir de conceitos da Cultura Visual e dialoga com o artigo de Stella Maria Peixoto de Azevedo Pedrosa, Fotografia e Educação: Possibilidades na produção de sentidos e discursos visuais, que nos acrescenta o conceito visualização. E para mais, também apoiado em livros como *Plano de Ensino de Artes Plásticas*, de MELLO, Yara Regina B.; CAMPOS, Neide P. de; COSTA, Fabíola C. Búrigo (2003) a fim de pensar na melhor maneira da aplicação da Fotografia no plano de ensino.

A monografia será estruturada em quatro capítulos, cada um correspondendo a um ato. Em linguagem cinematográfica há a clássica configuração da estrutura da obra segmentada em atos. De modo reduzido, temos três atos: configuração, confronto e clímax/resolução respectivamente; quando há o quarto ato, o clímax e a resolução são separados. No primeiro ato, apresentamos os "personagens" — os autores que fundamentam a revisão teórica sobre a Fotografia na educação. No segundo ato, exploramos as falas de fotógrafos-artistas, analisando seus aprendizados e experiências práticas. O terceiro ato, nosso clímax, propõe a aplicação da Fotografia no ensino básico, sugerindo métodos para integrar a Fotografia tanto em sala de aula quanto em espaços informais de aprendizagem. Finalmente, o quarto ato apresenta a resolução do trabalho, que envolve a criação de um plano de aula baseado nos episódios selecionados, levando em conta a Base Nacional Comum Curricular (2018) e os contextos educacionais do Ensino Básico, com foco no ensino da Fotografia.

1. ATO I

Figura 3 - parque



Fonte: Álbum de família, 2004

Nesta etapa do trabalho buscaremos estruturar as leituras, na estrutura de um modelo de "fichamento de leitura", que foram realizadas no decorrer da pesquisa de modo a construir uma reflexão que trata da imagem e de sua recepção dentro desse nosso segundo ato.

A discussão teórica, iremos passar por termos importantes como Cultura Visual, Imagético, compreendimento da importância da Fotografia, sua história, sua relação dentro da educação, Alfabetização Visual, leitura de imagem e termos coligados ao debate da Cultura Visual, que conversam com a Fotografia e o uso delas em sala de aula bem como para compreensão envolto daquilo que precisamos identificar de aspectos significativos para o debate que gira em torno do nosso assunto a ser discorrido.

Junto das análises aos capítulos da série *Caçadores de Alma* tive como apoio artigos que evidenciam a importância da Fotografia mediante ao ensino básico, principalmente em sala de aula. Comecemos com *Compreensão e Interpretação da Imagem*, escrita por Maria Emilia Sardelich e Noeli Batista (s.d, s.p) onde elas trazem os Conceitos de Imagens, a fim de compreendermos o surgimento da

palavra, o entendimento a partir dela em suas diferentes épocas e as diversas interpretações de autores acerca do vocábulo.

> A palavra imagem teve origem no latim imago, que, no mundo antigo, significava uma espécie de máscara de cera mortuária com fins ritualísticos. Nesse sentido, a palavra imagem, nascendo da morte, trouxe-nos a ideia de prolongar a existência através de noções de duplo e da memória. (Maria Lúcia Bastos, 2006 *apud* Sardelich e Santos, [2019],[s. p.]).

Platão que acreditava que a imagem, para além de imitadora e enganosa, seduzia partes fracas da alma; Aristóteles que aceita a imagem como objeto que educa e leva conhecimento, bem como Annateresa Fabris[1](1998), que observou que a imagem, especular, advinda do Renascimento, é o fruto do cruzamento entre Arte e Ciência, em que o foco de interesse é a preservação do passado e a propagação do presente.

Também é nos apresentado nessa discussão as definições de conceitos de imagem fundamentadas por Martine Joly[2] (1996); que as dividiu em sete categorias, estas sendo imagens enquanto: Mídia (tv e publicidade visual), que correlaciona a compreensão do conceito de imagem como sinônimo de conteúdo; Lembrança, no qual associa e reconstrói o imaginativo; Origens, que oferece registros de atividades humanas, relações; Psiquismo no qual procura-se conectar com o individual acompanhada pela contextualização e/ou criação em um espaço surreal, como por exemplo o universo onírico; as Científicas, estas provindas de um estudo, análise, como exames médicos e satélites; Novas Imagens, que são criadas por aparelhos e programas - que hoje, após anos do texto, também podemos associar à Inteligência Artificial; e, por fim, a Imagem Proteu que é produzida para além da imagem, podendo essa ser constituída de outras estruturas.

Outra definição de imagem, alusivo a catalogação, documentação, trazida pelas autoras é a de Valle Gastaminza[3](2002) que separa-as em cinco categorias, como: Iconográfica que buscam o conhecimento de formas visuais; Narrativas, em que existe uma sequência entre a imagem e informações complementares, tais

---

[1] FABRIS, A. **Redefinindo o conceito de imagem**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 18, n. 35, 1998.
[2] JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. São Paulo: Papirus, 1996.
[3] VALLE GASTAMINZA, F. del. La documentación de los medios informativos. In: GALDÓN LÓPEZ, G. **Perfil histórico de la documentación en la prensa de información general**. Pamplona: Eunsa, 2002. p. 179-205.

como data, título, local; atribuição do sentido {Estético}; Enciclopédia, cuja essa encaixa a identificação; Linguística no qual transporta tema, comunica e, por último, a Modal a qual concede compreensão de espaço e tempo.

As autoras, Maria Emilia Sardelich e Noeli Batista (2019), discorreram então sobre a leitura de imagem e entendimentos imagéticos. A expressão “leitura de imagem” surgiu no ano de 1970 proveniente do audiovisual em que a semiótica e o formalismo decorrente da Teoria de Gestalt se tornaram mais presente por conta da psicologia de forma:

> Na psicologia da forma, a imagem se constitui na percepção, já que toda experiência estética, seja de produção ou recepção, supõe um processo perceptivo. Essa abordagem entende a percepção como uma elaboração ativa, uma complexa experiência que transforma a informação recebida (Sardelich e Santos, [s.d.][s. p.]).

O texto aprofunda sobre a concepção do termo de Gestalt, pelo texto de Gomes Filho[4] que esclarece que as imagens se constituem pela percepção; e que, o que acontece no cérebro não é tem total semelhança ao que acontece na retina visto que a excitação cerebral se dá por extensão, o que conclui que na percepção da forma a primeira sensação já é da forma.

Ainda pelo debate da leitura de imagens, Maria Emília Sardelich e Noeli Santos (2019) destacam, de Donis A. Dondis[5] (1991), o termo Alfabetização Visual que contempla a importância do conhecimento dos elementos básicos, técnicos, que compõem uma imagem, se referindo a estes como ponto; linha; forma; direção; tom; cor; textura; escala; dimensão; movimento e luz; para o compreendimento e interpretação da imagem e, conseguindo assim, ter uma racionalização cultural, moral, emocional, intelectual e cognitiva resultadas por esse entendimento. Baseado nisso, as autoras trazem uma proposta de Ott[6] (1984), Olhando, a fim de demonstrar como, a partir desses conhecimentos, podemos utilizá-los como educadores e que firma que o desenvolvimento estético vem da familiaridade com as imagens, assim a partir de uma discussão sobre a imagem a compreensão do estudante referente ao seu desenvolvimento de ideias se torna mais robusta e cheia de fundamentação.

---

[4] GOMES, J. F. **Gestalt do objeto**: sistema de leitura visual. São Paulo: Escrituras Editora, 2000.
[5] DONDIS, D. **A sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
[6] OTT, R. W. **Art in Education**: an International Perspective. Pennsylvania: Pennsylvania State University Press, 1984.

Recapitulando o termo semiótica, o texto traz também uma relevância para a compreensão dela; essa se faz como uma introdução de conotação e denotação fazendo com que seja de importante identificação na leitura de imagem pois a partir dela conseguimos ver códigos como: ponto de vista (Espacial); sensações alicerçado a análise material - que contemplaremos no texto *Fotografia e Educação: O uso da Fotografia na prática docente*, mas que, em resumo para melhor entendimento denota tudo que é visível dentro da imagem - (Gestual e Cenográfico); Lumínico, proveniente do uso da luz; os signos mostrados (Simbólico, simbologia); Gráfico, relacionada ao ângulo visto e Relacional que busca relações espaciais. Deste modo podemos afirmar que a imagem não existe fora da situação e do seu contexto.

Vale também pontuar as falas referentes à Cultura Visual que tratam mais diretamente da Fotografia e da imagem. A Cultura Visual leva a interpretação da imagem para entendermos a vida atual, contemporânea, mirada no cotidiano e vale dizer ainda que no texto de Maria Emília Sardelich e Noeli Batista dos Santos (2019) elas também trazem entendimentos da iconografia falando sobre a semiótica, formalismo, que fala sobre a leitura de imagens. Mas por que essa relação com o cotidiano? Porque a Cultura Visual bem como essas catalogações e categorias buscam conhecer o contexto sociocultural em que são produzidas já que a imagem é produzida em um contexto e indissociável desta, assim sendo uma forma de estudo que visa interpretar os papéis e funções sociais. Para tanto, retomamos os termos: Visão e Visualidade.

Por mais que estes se assemelham, e são concebidas de uma mesma origem, a Visão, referem-se ao físico, anatômico, à ação de olhar, porém, dado a nós a habilidade de compreensão; e estando dentro de um contexto sociocultural; surge a Visualidade, que nada mais é que o nosso olhar socializado, este que já traz sua própria percepção diante de dado assunto e/ou objeto. Assim, pode-se trabalhar a Cultura Visual dentro de sala de maneiras variadas, pois a própria Cultura Visual é transdisciplinar não se limitando apenas a uma só matéria, isso possibilita, então, que consigamos não só entender a imagem, mas também a realidade em que esta se passa ou passou.

Em *Fotografia e Educação: O uso da Fotografia na prática pedagógica* escrita por Julie Campanholi (2014) que nos apresenta uma visão mais direcionada na prática pedagógica, mas para isso é contextualizado a nós a história da Fotografia para que assim consigamos entender o motivo pelo qual ainda existe uma certa dificuldade da Fotografia para além de como recurso complementar.

A Fotografia, invenção do século XIX, teve sua origem a partir das descobertas e experimentos, físicos e químicos, realizados ao longo dos séculos anteriores. No Renascimento o uso da câmera escura, que consiste em uma caixa, com um único e pequeno orifício, que permite a passagem da luz fazendo com que seja possível a projeção da imagem, invertida, do exterior, no interior da caixa foi um grande avanço óptico, mas, apesar de espelhar uma imagem, essa ainda não se tratava da Fotografia. Dando início ao século XIX, pesquisadores começaram a trabalhar para descobrir como fixar a exposição da imagem (no século XVII tinham o conhecimento de que sais de prata escurecem quando expostos à luz). Então Julie Campanholi (2014) nos traz datas importantes neste processo de descobrimento: entre 1824 e 1827 obteve-se a primeira Fotografia por Joseph Nicéphore Niépce, e em 1839 foi reconhecida o nascimento da Fotografia por Daguerre, sócio de Niépce. Também é importante a informação apresentada por Julie Campanholi (2014), que, ao citar Fabris, reconhece que, dentro deste processo de pesquisa, houve vários outros inventores que buscavam uma forma de fixar a imagem, como Hippolyte Bayard e Willian Henry Fox Talbot.

> Nas décadas de 40 e 50… foi desenvolvidas outras formas de fixação de imagens… como por exemplo a Albumina … descoberta do neto de Niépce que a clara de ovo é um excelente suporte para a emulsão de sais de prata, permitindo sua adesão ao vidro de maneira eficiente(Julie Campanholi, 2014, [s.p]).

Com a ideia de popularizar e simplificar o processo da Fotografia, George Eastman se torna o criador da KODAK em 1880. Em 1975 o engenheiro estadunidense Steve Sasson cria a Fotografia digital a partir da união de dispositivos analógicos e digitais, iniciando-se assim o “boom” para o surgimento de outras empresas, ampliando assim a tecnologia e melhoramento das câmeras cada vez

mais, o que fez com que em 2012 a KODAK parasse com a produção de filmes fotográficos e com as câmeras analógicas[7].

Julie Campanholi (2014) também afirma que a Fotografia exerce o papel de perpetuar a memória, que nos evoca não só o pensamento de Maria Lúcia Bastos (2006), ao trazer a origem da palavra Imagem, bem como uma das definições de Martine Joly (1996) - Imagens Lembranças - provoca; e ainda acrescenta sobre o poder que a Fotografia tem pois ela ativa a memória de coisas, antes, esquecidas trazendo junto sentimentos, como de nostalgia, e sentidos já que a podemos relembrar até cheiros após ativado uma memória, seja essa coletiva ou individual e ainda acrescenta que: “Assim como a Fotografia, a memória também recria o "real". Portanto a Fotografia é memória, e com ela se (con)funde” (Campanholi, 2014, [s.d.] [s.p.])

E para começarmos a entrar na sala de aula, Julie Campanholi (2014) nos traz o relato de que interligada à memória, e as histórias que são contadas através da Fotografia, ela passa a valer como documentos históricos oficiais somente em 1930 - que está preste a completar um século deste feito - fazendo com que sua aparição em livros didáticos seja para mera ilustração referente ao texto que se baseia e por assim dizer, vir a trabalhar somente a interpretação do que é visto na imagem. Julie Campanholi (2014) fundamentada com isso relata sobre a relação de memória e Fotografia nas relações de fixação de conteúdo e valida os conhecimentos da disciplina, permitindo a aproximação da realidade com a matéria, conduzindo a curiosidade e o interesse pela aprendizagem e descoberta. Além de Julie Campanholi (2014) nos relembrar de que estamos em uma era tecnológica e muito visual, isso faz com que os textos sejam desinteressantes pela falta de atrativos visuais.

A autora nos conta que a Fotografia está nos livros didáticos desde o século XIX atuando como: estímulo de concentração; orientação para leitura; aumento da receptividade, ativando o raciocínio e fornecendo o desenvolvimento pedagógico desse modo fazendo nos questionar sobre o por que de não explorarmos o uso da Fotografia, logo ela expõe o desafio docente mediante a isso: a realidade do

[7] Hoje em dia, ainda é possível ter filmes fotográficos porém esses em suma maioria são comprometidos, pois são filmes vencidos podendo não ter uma boa qualidade quando revelado.

discente. É importante sempre, quando atuando como educadores não distanciar o conteúdo, a forma que expõe o mesmo, da realidade do aluno, pois isso pode prejudicar pela falta de identificação com o que está sendo explicado. Narra também que para atuarmos com a Fotografia é necessário não só absorver que a Fotografia é acompanhada por um olhar e sua bagagem – que nos retoma ao texto de Maria Emília e Noeli Santos sobre a Cultura Visual e a posição da Visualidade – mas também a necessidade de preparo para o assunto. Segundo Campanholi (2014) a educação tem como propósito a formação de cidadãos conscientes, o que exige compreensão crítica da sociedade estão inseridos e diz sobre como é indispensável que o docente busque aprender para que, assim, possa ensinar seus discentes, e assim conseguir fazer a leitura de imagens;

É importante reforçar que a imagem fotográfica também pode ser manipulada e justamente, em função disso, Julie Campanholi (2014) reforça a necessidade do preparo acompanhada da Alfabetização Visual e a sensibilidade do olhar, pois assim a possibilidade de percepção, a respeito da manipulação, se torna mais refinada, desenvolvendo seu pensamento crítico, e sua capacidade de interpretar e isso é muito importante pois não podemos esquecer que existem muitos apitos de cachorros[8]. Alicerçado a isso, Julie Campanholi (2014, [s.p]) apresenta sua proposta com base no artigo da professora Maria Inez Turazzi (TURAZZI, 2005, apud, CIARELLI, 2011, p. 2248) para análise de Fotografias; essa proposta abrange a *Análise Material*, que engloba tudo visível na imagem, sem que tenha a necessidade de interpretação de signos -; a *Análise Imaterial,* em que essa sim abarca o olhar para signos, contextos, intenções e a mensagem transmitida pela imagem; o que nos leva para a terceira análise, a *Interpretativa,* que aspira a reflexão crítica e subjetiva do observador, estimulando a interpretação dos elementos visuais da imagem. Sugerindo assim, seguindo sua proposta, que trabalhemos o tema que será abordado após a leitura de imagem, que se conecta com o que ela traz inicialmente sobre a memória. Não esquecendo do desafio dos docentes, Campanholi (2014) reforça a realidade educacional, no qual muitos se deparam com a falta de

[8] Para quem não está familiarizado com esse termo, o apito de cachorro denomina mensagens subliminares através de códigos para que passe despercebido pela população em geral mas de fácil identificação para um subgrupo.

autonomia no seu ambiente de trabalho, sugerindo então que as análises sejam feitas pelo uso das imagens que os livros didáticos disponibilizam.

Em *Fotografia e Educação: Possibilidades na Produção de Sentidos e Discursos Visuais,* de Stella Pedrosa e Ana Valéria de Figueiredo (2017), focaliza-se mais em nos trazer a popularização da Fotografia – que conversa com o texto de Campanholi (2014) – durante o estudo de Kossoy[9], elas relatam que o autor demarca Hercule Florence (1804-1879), como descobridor da Fotografia, conseguindo a primeira Fotografia anos antes de Niépce, em Campinas, São Paulo.

Hercule Florence, assim como os franceses Joseph Nicéphore Niépce (1765 - 1833), Louis Jacques Mandé (1781 -Daguerre 1851) e o inglês William Henry Fox Talbot (1800 - 1877) pesquisava maneiras de fixar a imagem. Em 1832, Hercule Florence inicia sua investigação para fixação de imagens por intermédio da câmera escura e o nitrato de prata; resultando-o e batizando o processo , em 1833, de "Fotografia". Além disso, anteriormente, em 1830, o inventor criou um método de impressão que buscava a reprodução de imagens coloridas, chamada de poligrafia, sendo uma das primeiras tentativas de impressão multicolorida.

A popularização da Fotografia inicia-se pela chapa seca, pelo George Eastman com o rolo e expandindo ainda mais a circulação com o surgimento da KODAK com o uso de câmeras não reutilizáveis que capturavam até 100 imagens. Já a prática amadora começa com a primeira KODAK portatíl – comentada no texto de Julie Campanholi (2014) - sem filme, por Steven Sasso; elas, Stella Pedrosa e Ana Valéria de Figueiredo (2017), também nos atualiza de que um dos principais motivos da KODAK se desligar é pela falta de tencionar seu investimento na camêra digital. As autoras, Stella Pedrosa e Ana Valéria de Figueiredo (2017), além de tratar da popularização, também indicam que a banalização do olhar, um olhar sem compromisso, acompanhou o processo da popularização, assim desprezando a importância da análise fotográfica, o que nos faz retomar ao texto de Maria Emília e Noeli Batista (s.d, s.p.) sobre a Visão e Visualidade; aqui Pedrosa e Figueiredo (2017) discorrem também estes termos (visão como lugar de sentido humano e visualidade como olhar social), e acrescentam mais um termo, a Visualização,

[9] KOSSOY, B. Hercules Florence, 1833: a descoberta isolada da Fotografia no Brasil. São Paulo: Duas Cidades, 1980.

embasada no Kosminsky[10] (2013), que diz que a visualização é tornar visível mesmo que na tela da mente, podendo ser etérea já que pode ocorrer no processo mental, concluindo que “a visualização acaba se mostrando um mecanismo subjetivo na criação de imagens, posto que pode também se articular na virtualidade do pensamento” Pedrosa e Figueiredo (2017). Elas assim como os outros autores reforçam sobre a necessidade da discussão da produção e interpretação das imagens fotográficas, considerando importante o conhecimento teórico para a produção e edição mas também da indispensabilidade da educação do/para olhar contribuindo com a atenção e a partir disso observar as imagens como textos visuais, criando uma leitura texto visual contextualizado. As autoras também expõem a Fotografia com a questão autoral, mencionando que a Fotografia traz junto a bagagem ideológica do fotógrafo, decorrido da visualidade acompanhada da sua expertise na utilização do equipamento.

Com base nas leituras realizadas, concluímos que a prática fotográfica possui um potencial significativo para se consolidar como uma prática pedagógica. Ela desempenha um papel fundamental na construção de conhecimentos, promovendo a reflexão crítica, a observação e a compreensão de conceitos próprios à experiência artística no ambiente escolar .

[10] KOSMINSKY, D. Visualidade e visualização: olhar, imagem e subjetividade. In: SZANIECKI, B.; DIAS LESSA, W.; MARTINS, M.; MONTA, A. S. Dispositivo Fotografia e contemporaneidade. Rio de Janeiro: NAU; PPD ESDI/UERJ, 2013. p. 90-109.

2. ATO II

Nossa análises se concentram nos episódios apresentados, com ênfase em dois episódios: o primeiro trata da Fotografia da natureza e o seguinte aborda o fotojornalismo na série de Silvio Tendler (2014). Para cada episódio, realizamos anotações, observando os aprendizados compartilhados pelos fotógrafos dentro das suas respectivas abordagens e práticas. A partir desse fichamento, foi possível compreender as particularidades e semelhanças que essas abordagens podem apresentar entre si. Na apresentação da série, temos:

> Caçadores da Alma -- uma minissérie de Silvio Tendler é uma abordagem da arte da Fotografia, reconhecendo seus principais personagens: os fotógrafos e suas obras. Os diversos episódios apresentarão temas que fazem parte da aventura da Fotografia no século XX e dos artistas que encontraram na imagem fixa sua linguagem maior de expressão. A série confere a relevância da Fotografia na construção de um olhar sobre o mundo e, sobretudo, na capacidade de ação e intervenção que ela detém sobre o próprio mundo. (Silvio Tendler, 2014)[11]

Ao falarmos da série *Caçadores da Alma* uma das primeiras questões que surge é o próprio nome da série, que além de fazer referência à origem da palavra como mostrado no primeiro ato.Com base na análise de Maria Lúcia Bastos (2006), apresentada pelas autoras Maria Emilia Sardelich e Noeli Batista (2019), também abre espaço para uma reflexão que se conecta diretamente à Fotografia: o registro da alma. No episódio 2, *Àrvore da Fotografia,* conhecemos Mestre Júlio Santos, fotógrafo cearense, que trabalha com a fotopintura, restaurando e dando vida aos retratos de famílias. Ele nos diz que, ao fotografar alguém, está registrando a "desencarnação" daquela pessoa, mas ao mesmo tempo cria-se ali, uma "encarnação" do espírito, pois, embora a pessoa fotografada não esteja mais viva, sua memória continua viva e pode ser propagada para os outros.

Esse conceito de memória e Fotografia é explorado de maneira deleitosa no filme *Viva – a vida é uma festa*[12]*(*2017*)* que se passa no México, e conta a história de Miguel, que embarca em uma jornada pela Terra dos Mortos, mergulhando nas tradições da cultura mexicana. O filme explora a relação entre memória e Fotografia,

---

[11] A citação acima foi retirada da descrição do vídeo disponível no Youtube, referente a série **Caçadores de Alma,** publicado em Maio de 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IcsXEewG18c&list=PL0KF5droRVFjs1Jp08J4MoBZyFHZUhiYr&index=1. Acesso em 17 de Novembro de 2024.

[12] Direção: Lee Unkrich e Adrian Molina. Produção Pixar Animation Studios. Distribuição Walt Disney Studios Motion Pictures, 2017.

mostrando que as almas dos mortos permanecem entre os vivos enquanto seus descendentes continuam a se lembrar deles. Nesse contexto, as Fotografias têm um papel fundamental na continuação dessa memória, já que a medida que não há registros fotográficos do indivíduo logo será esquecido. Isso nos revela que de certa forma pode "encarnar" o espírito, como diz o Mestre Júlio.

Figura 4 - Vivia!A vida é uma festa

Fonte: Disney Music BR VEVO, 2020[13]

Outra obra artística que rodeia a relação Fotografia e a alma é o jogo *Life is Strange: Double Exposure*[14](2024), em que a personagem principal Max Caufield, fotógrafa residente em uma Universidade, que possui poderes sobrenaturais, consegue intercalar sobre linhas de tempo paralelas e se vê em profusas situações de riscos. E, em uma dessas, para conseguir salvar seus colegas, Max fotografa seus amigos através da técnica de dupla exposição que revela que sua amiga, Safi, está controlando de forma involuntária os amigos em comum. Isso nos mostra como a percepção de alma, de alguma maneira, se demonstra palpável, permitindo ser raptada pelos registros fotográficos.

[13] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=dp6hmJ4VKyM. Acesso em 16 de Novembro de 2024;
[14] Jogo produzido pela Square Enix, Life is Strange: Double Exposure é uma continuação da franquia Life is Strange.

Figura 5 - Life is Strange

Fonte: Malena010102, 2024[15]

Desse modo, foram escolhidos os episódios: *Nas trilhas da natureza* (*episódio 1)*, *Fotojornalismo, a ética e a caça (*episódio 3) para analisarmos e refletirmos sobre o ensino por entre a Fotografia. Também durante todos os episódios é dito algumas frases na voz de Eduardo Tornaghi que, não só são relacionadas às categorias, mas também ao trabalho fotográfico, e durante esse processo trarei algumas frases que me impactaram nesta pesquisa.

[15] Frame extraído do vídeo da youtuber Malena010102, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Qg0aUKz-VI4&list=PL26qB_LALBWAzoecqry4l20VQENQr__MG, acessado em 16 de Novembro de 2024

2.1. Nas trilhas da natureza.

Figura 6 - Frase Chris Marker

Fonte:Caliban/cinema e conteúdo, 2014[16]

O primeiro episódio se inicia com esta frase de Chris Marker[17] – cineasta, escritor e fotógrafo francês, muito conhecido pelo seu trabalho, no cinema experimental e sua obra *A Plataforma*[18](1962). Sua frase caminha junto da reflexão feita acerca do nome da série, *Caçadores de Alma, que,* de modo instigante, a frase nos faz refletir sobre a intencionalidade do ato de fotografar. A analogia feita com o ato, o instinto de caçar, pode ser refletido pelo desejo de fotografar e pela semelhanças no ato da espreita, de aguardar o momento para fotografar assim como, em uma caça, deve-se esperar o momento perfeito, em que a animália se encontra na mira do armamento, bem como no planejamento da camuflagem.

[16] Captura de imagem do episódio 1, *Nas trilhas da natureza*, da série *Caçadores de Alma;* Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=lcsXEewG18c&list=PL0KF5droRVFjs1Jp08J4MoBZyFHZUhiYr&index=1; . Acesso em 16 de Novembro de 2024;
[17] Chris Marker nasceu em 1921 e veio a falecer em 2012.
[18] No idioma nativo: La Jetée.

Figura 7 - Fotógrafo camuflado

Fonte: Caliban/cinema e conteúdo, 2014.

> Todo fotógrafo de natureza tem um aspecto ridículo. Porque ele vira um misto de Rango com os… caçadores, safaris; é uma coisa feia "pra" caramba. Mas é necessário que ele se esconda, que fique invisível… zen. (Araquém Alcântara apud *Caçadores de Alma,* 2014, episódio 1, minuto 4:16)

Araquém Alcântara é fotógrafo, formado como jornalista na UNISANTOS e professor; ele trabalha com Fotografia da natureza desde 1979 (a considerar seu primeiro contato com a pauta natureza) advinda do seu trabalho jornalístico. Em seu depoimento ele nos conta que sua matriz criativa é a natureza do Brasil, e com isso aprendeu que para uma boa foto é necessário disciplina. Essa disciplina relatada por ele, faz alusão ao "se tornar invisível", pois, ao analisar que estamos no habitat de outrem, aquele a ser fotografado – e que não é possível manipular para que aconteça o registro fotográfico; deve-se passar despercebido no ambiente, sendo necessário todo cuidado e paciência, tornando-a, para o artista, o estilo fotográfico mais difícil de se fazer à medida que se torna indispensável como companhia do fotógrafo a disciplina – ao manter se abstrato no ambiente, sem pressa, propósito e quieto; e a espontaneidade – do ente fotografado.

Robinson Roberto concorda com as falas de Araquém ao narrar seu relato de experiência ao fotografar *Natureza Viva,* um ensaio de areias. Robinson Roberto é fotógrafo, diretor cinematográfico, professor (de Educação Artística), entre muitas

outras profissões; e teve a ideia de seu ensaio de maneira espontânea ao reparar, em uma passeio com sua companheira, que havia ali na areia o formato de uma árvore traçada pelo caminho da água.

Robinson caminhou cerca de seis ou sete vezes pelo litoral de Fortaleza até a Ilha de Itaparica, na Bahia, e resultou em 35 painéis de 50x75cm que foram fruto de seus cinco anos de observação. As Fotografias ali não continham interferências físicas e nem tecnológicas, optando até por não usar filtro polarizador[19]. O fotógrafo descreve que para fotografar um só momento, chegava a ficar horas no local, observando, aguardando a espontaneidade e disposição da natureza para lhe entregar sua arte.

Um dos seus painéis (Figura 8) tem uma passagem tocante para o próprio artista, se recordando do local e até o horário – Fortaleza, praia do Futuro às 7:30 da manhã. Sabendo que a maré da praia é rasa, Robinson ficou ali aguardando até a natureza concluir sua arte e assim que sentiu que estava pronta, clicou e no mesmo instante foi levada pela.

Figura 8 - Obra da série natureza viva

Fonte: Caliban/cinema e conteúdo, 2014.

[19] O filtro polarizador tem a função de harmonizar as ondas de luz que podem ficar registrada na imagem – como reflexos em vidros, e/ou neste caso, a água; permitindo assim, uma Fotografia mais limpa e bonita

> Ajoelhei e fiquei ali esperando. E aí a “coisa” começou a crescer e eu segurando com uma vontade doida de clicar. E eu falei já ta bonito mas vou esperar mais. Esperei, esperei, e cada onda que vinha; como ela vinha muito fraquinha, ela não danificava o que já estava pronto. Quando completou o peixe, que eu acabei de clicar, veio uma onda maiorzinha e apagou tudo (Robinson Roberto apud *Caçadores de Alma,* 2014, episódio 1, minuto 11:17).

É assim que seu relato dialoga com “a espontaneidade na disciplina e a disciplina na espontaneidade” que Araquém Alcântara (apud *Caçadores de Alma,* 2014) diz. A disciplina de Robinson vai para além do momento fotográfico mas também para o pós, ao não querer nomear suas Fotografias para não limitar o observador a imaginar sua própria interpretação da Fotografia. Izan Petterle, que trabalha junto da National Geographic, conhecido pelas suas Fotografias dos tradicionais cavaleiros e amazonas, ficou durante 3 anos viajando o país para registrá-los, ele também nos traz outro ponto para a Fotografia: narrativa. Ele justifica que sua Fotografia tem liberdade poética tendo pouca ou nenhum compromisso com a objetividade, tendo o foco a subjetividade mas que ainda assim expressa que a Fotografia deve ter uma razão, intenção, um começo, meio e fim assim como uma história e/ou como no cinema. Izan Petterle (apud *Caçadores de Alma,* 2014), ainda diz que não é suficiente fazer só fotos boas, se voltar somente com isso, para o que ela irá servir?

Assim podemos concluir que para além de uma bela Fotografia, o fotógrafo deve, intencionar, transmitir algo, encontrar seu estímulo gerador. Antonio Saggese, arquiteto por formação, tem como impulsor sua angústia pela ausência do amedrontamento que a natureza um dia teve, buscando assim nas suas Fotografias a mata da sua infância, a que intimida. Desse modo, ele revive o mistério da mata mediante a brincadeira com o lúdico.

> Essa é uma foto que foi feita com uma câmera transformada para captar o infravermelho. Foi feita num tripé com um tempo razoavelmente longo, então ela não dá um colorido que tenha relação com o colorido original visto na cena, né? e dá uma relação de tonalidade diferente também, ou seja, ela transporta um pouco essa questão mais inconsciente, essa questão mais sonho. E eventualmente, se ela tiver sucesso, um certo maravilhamento (Antonio Saggese apud *Caçadores de Alma, 2014,* episódio 1, minuto 08:06)

Figura 9 - Série “Pittoresco” de Antonio Saggese

Fonte: Prêmio Pipa, 2012.[20]

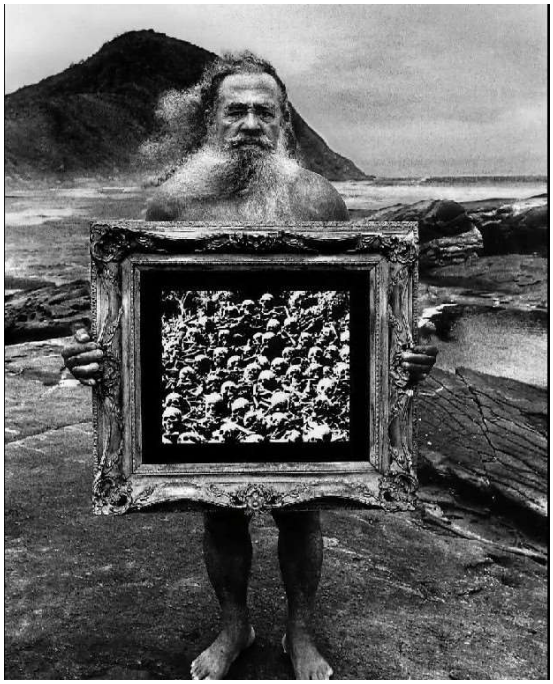
Assim apresento mais uma frase trazida para nós pelo Silvio Tendler: A função do fotógrafo é revelar, para além do comum, do banal. Assim podemos retomar a primeira frase, de Chris Marker, e pensar isso como a caça do anjo; revelar aquilo que se passa por despercebido, seja belo, assustador ou revelador. Araquém ainda declara que a Fotografia também é uma arma de transformação, em razão do que se transmite sua Fotografia, terá o poder de transmutar aqueles que observam, criando um eterno, uma marca, um registro.

Não se pode falar da Fotografia da natureza sem citar a pauta ambiental. Araquém, descreve sua caça do anjo, quando em 1976 através da Fotografia, que fez de seu pai em frente ao morro do Grajaúna, conseguiu denunciar a construção de duas usinas atômicas que além de desmatar Mata Atlântica, do local, também era responsável pela expulsão dos caiçaras locais, dando a Fotografia de Araquém uma ideologia.

[20] Imagem disponível em: https://www.premiopipa.com/pag/antonio-saggese/. Acesso em 16 de Novembro de 2024;

> Um homem barbudo, cabeludo, primitivo, mostrasse… essas fotos como quem diz “nós somos pessoas ignorantes mas nós sabemos o que vocês vem fazendo aqui... nós queremos os nossos peixes e vocês estão trazendo a morte (Araquém Alcântara apud *Caçadores de Alma,* 2014, episódio 1, minuto 18:29)

Figura 10 - Fotografia de Araquém Alcântara.



Fonte: Caliban/cinema e conteúdo, 2014.

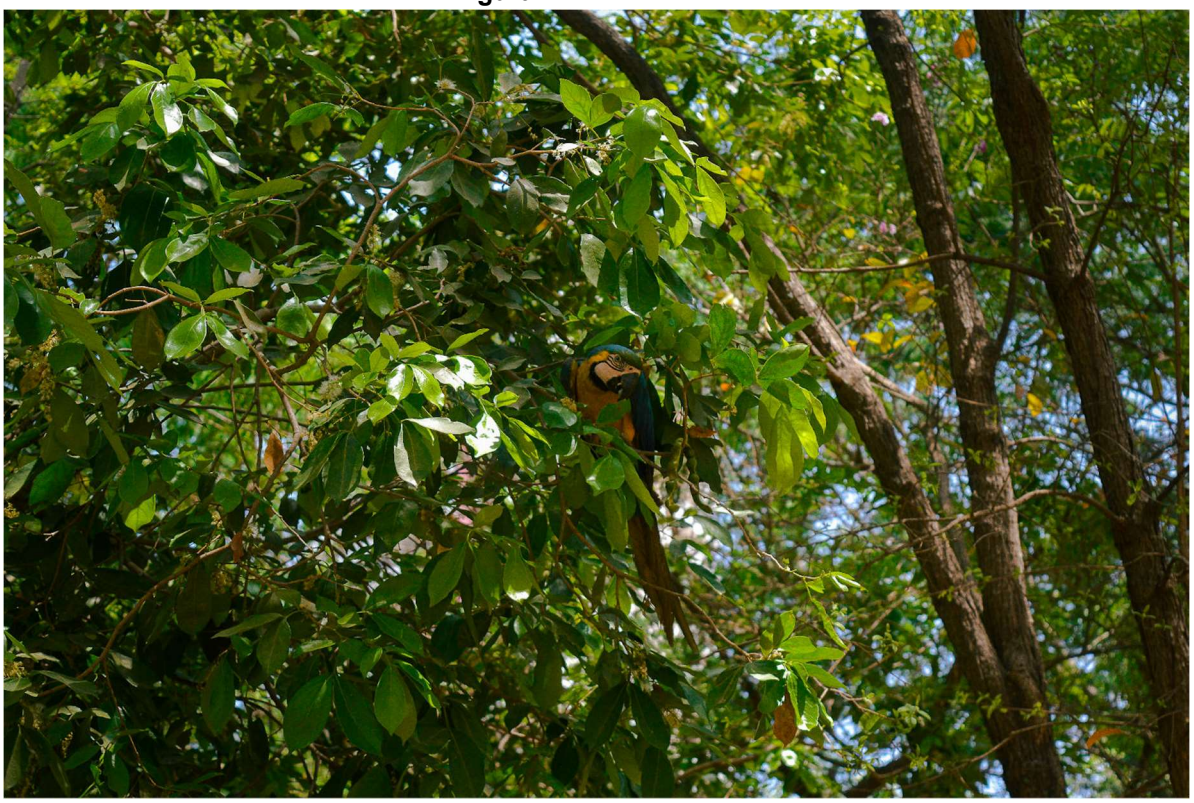
Custódio Coimbra, grande fotógrafo renomado conhecido por seus trabalhos junto a O Globo; também teve seu despertar por meio de uma tragédia, quando em 2000 houve o derramamento, de aproximadamente 1,3 milhões de litros de óleo combustível, na Baía de Guanabara. Ele expressa que, para ele, o processo ambiental acompanha a degradação social formando um ciclo devedor pois mesmo que tentemos nos desculpar – com a natureza – sempre estaremos endividados; nossos acertos não conseguem saldar a degradação já feita.

Figura 11 - Registro de Custódio Coimbra no acidente da Baía de Guanabara

Fonte: Caliban/cinema e conteúdo, 2014.

Em conclusão podemos firmar que o fotográfo é um caçador atemporal em busca de capturar, preservar momentos, animais, seres e situações eternas. A caçada deste episódio nos mostra que a busca fotográfica, da natureza, para além de uma foto bonita de uma paisagem é também o resultado de um processo de aprendizagem, de uma caça na espreita, disciplina, visualidades que manifestam-se a partir da ideia criativa ou estímulo gerador do fotógrafo, podendo ela permitir a reinterpretação.

Figura 12 - Arara-canindé



Fonte: Foto autoral de Kahena Pissolato, 2024.

A Fotografia acima, por mim capturada, foi realizada algum tempo após a análise do episódio. Nesse período, pude refletir sobre os aprendizados mencionados pelos fotógrafos, destacando a importância do ato de esperar e de estar presente como parte da natureza. Somente dessa forma a natureza se revela, permitindo a captura de um registro fotográfico sob um ângulo que ela quer oferecer.

2.2. Fotojornalismo, a ética e a caça

No terceiro episódio, Silver Tendler (2014) nos convida para uma caçada pela essência do fotojornalismo, rastreando os desafios, riquezas e os dilemas éticos, além de grandes relatos importantes sobre os riscos da profissão bem como acontecidas durante a ditadura militar.

Iatã Cannabrava é fotógrafo desde a época de 1980 tendo na mira de sua câmera compartilhar e impulsionar o contexto latino-americano e brasileiro, ele teve seu despertar em virtude da experiência do seu exílio; e assim explora os em suas fotos os territórios, principalmente as periferias; o que fez com que a Fotografia

tornasse para ele um instrumento de documentação e transformação da realidade. Iatã também trabalha como curador, produtor cultural e professor em que atua desenvolvendo projetos educacionais voltados ao ensino da Fotografia, chegando a criar, em parceria com o Saibalá, a primeira plataforma online de ensino fotográfico no Brasil. Em um dos diálogos na série, percebo um falar didático de Iatã, muito interessante ao apresentar algumas definições encontradas para compreender os diferentes modelos de fotografar.

Figura 13 - Fotografia de Iatã Cannabrava

Fonte: Museu da Arte de São Paulo, 2022.

> Porque todo mundo que vai 'pra' periferia pega a sua teleobjetiva né, fotógrafa. Muitos nasceram para ser sniper 'né?!', mas não conseguem, então vai lá e plé, plé, plé e aquilo não era comigo. Eu só me encontrei quando eu peguei, comprei uma velha "raça" com uma lente grande angular (Iatã Cannabrava, *apud Exposição: Uma outra cidade, um outro tempo,* 2022[21], minuto 3:50).

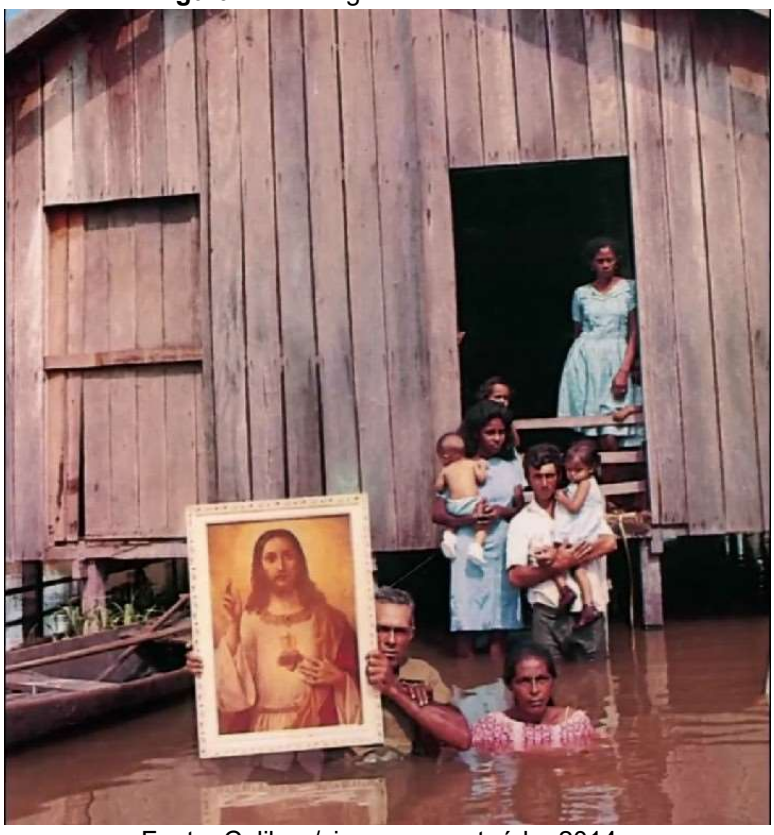
O primeiro é o caçador, aquele que espreita, observa, aguarda a presa (o momento) e fotográfa – que nos lembra muito a maneira que os fotógrafos de natureza desempenham; o segundo fotógrafo é o agricultor, este planeja, planta, cultiva, espera e colhe; e por último o modelo recolhedor que sai recolhendo suas Fotografias.

[21] Fala do artista para o Museu da Cidade de São Paulo, referente a sua exposição: Uma outra cidade, um outro tempo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=oqm-Au3WxWU&t=261s. Acesso: 18 de Nov de 2024.

Caberia dizer aqui o relato do artista Walter Firmo, trago na série, como um fotógrafo agricultor, bem como a história de Daniel Kfouri como recolhedor mas antes de aprofundar o relato destes, é importante dizer que ocasionalmente o agricultor e o recolhedor podem parecer não ter grandes distinções e causar um pouco de confusão para entender, já que nos dois existe o ato de colheita. Porém sua dessemelhança está no método de abordagem e tempo de dedicação.

Walter Firmo ingressou no fotojornalismo em 1955, e é muito reconhecido por seus retratos de notáveis personalidades brasileiras, mas também pelas suas Fotografias em meio às festas populares que aconteceram no Brasil todo. Ao se acomodar na casa de um senhor, ele observou um quadro de Cristo na sala da casa do mesmo e o questionou-o a fim de saber o motivo do quadro; – Deus tarda mas vem. Com essa resposta do ancião, Walter idealizou uma imagem, pediu permissão para o senhor e no outro dia fez sua Fotografia. Walter planejou, a Fotografia, para ser feita com as melhores roupas e assim plantou (a posição) cada um deles na sua Fotografia. Era época de cheia.

Figura 14 - Fotografia de Walter Firmo.



Fonte: Caliban/cinema e conteúdo, 2014.

O que Walter Firmo fez é o ato de um *Agricultor.* Aprofunda-se e permeia o ambiente para a partir daí fotografar, ou seja, ele acompanha o cotidiano da comunidade/ambiente que será fotografado, investiga, se dedica e cria relações para que possa transmitir o mais íntimo do espaço. Sendo assim o que acompanha este tipo de fotógrafo é planejamento, preparação e paciência, o que diverge do Recolhedor.

O terceiro tipo é o fotógrafo recolhedor, aquele que sai em busca e cata suas Fotografias. Daniel Kfouri, fotógrafo e designer gráfico, atua dentro do fotojornalismo principalmente levando à tona os problemas sociais. Em um dos seus relatos Daniel conta quando foi para uma favela com o objetivo de fotografar o efeito de um incêndio ocorrido no local. Ao observar os resíduos e objetos, reparou em um bicho de pelúcia em meio aos escombros queimados; contemplando aquela cena, onde as pessoas apareciam por trás do objeto queimado como quadros, decidiu recolher aquele momento.

Figura 15 - Fotografia de Daniel Kfouri

Fonte: Caliban/cinema e conteúdo, 2014.

Por tanto podemos perceber que o fotógrafo recolhedor aproxima-se da espontaneidade, agilidade e se dispõe das circunstâncias. Ele vai de encontro com a Fotografia, ele conduz-se até o local, acompanhando o fluxo, de forma rápida e

intuitiva, registrando sem interferência, o que lhe é entregue. Tal qual um caçador, ele se assemelha na imprevisibilidade do ambiente e o olhar atento.

A compreensão dessas definições nos permite um olhar pedagógico e poético para o desenvolvimento de metodologias de ensino mais didáticas e compreensíveis a partir da Fotografia, permitindo que pessoas que não possuem tanto conhecimento dessa área sejam instigadas pela facilidade de identificação da maneira que melhor deseja trabalhar sua fotografia. Importante dizer que essas definições não entram como limitadoras mas sim como possibilitadoras de compreensão da sua prática fotográfica permitindo que, a partir da seu desenvolvimento, consiga criar sua própria maneira ou até mesmo sua própria definição.

Para além das definições, outro assunto muito importante debatido e que não deve passar despercebido na área de fotojornalismo é a ética. Wilson Pedrosa afirma que deve existir a preocupação com a História, uma vez que você está a fazer registros da mesma.

Deixando um pouco de lado a série gostaria de comentar uma entrevista de Wilson Pedrosa, no canal *Grilo na foto*[22], dada em 2022 a José Luis da Conceição, fotojornalista há mais de 30 anos e seu antigo colega de profissão. Ao entrevistar Wilson Pedrosa, José Luís relembra de quando trabalharam juntos no jornal *O Estado de S. Paulo*, popularmente conhecido como *Estadão*, e relata sobre os ensinamentos que absorveu com o Wilson. Uma dessas memórias de aprendizados comentada por ele é da rigorosidade, de Wilson Pedrosa, nos detalhes e em registrar tudo, principalmente em momentos de campanha eleitoral, abrindo o olhar de que qualquer informação poderia ser importante em algum momento, caso acontecesse algo, reforçando a preocupação e o compromisso de Wilson Pedrosa com a História.

Orlando Péricles Brito de Oliveira, fotógrafo desde os seus 16 anos de idade, sendo já aos 14 anos laboratorista, tornou-se muito reconhecido nacionalmente pelo seu trabalho na revista *Veja* e fotografou diversas partes do fotojornalismo; desde

[22] Entrevista disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Eeh0LRV2a-U&t=136s Acesso em 19 de Novembro de 2024;

cidadãos, indígenas até mesmo presidentes. Orlando Brito manifesta que os fotojornalistas devem trabalhar com a verdade, a realidade, e longe das inverdades, pois o fotojornalismo não se compõe somente do ato de fotografar mas também compõe-se das responsabilidades do jornalismo e como jornalista, se faz um juramento com a verdade. André Dusek é fotógrafo há quase cinquenta anos, principalmente fotografando o meio político, e mesmo não vendo problema em montar uma cena quando essa se refere a um retrato, por exemplo, ele concorda com Orlando Brito quando diz que a cena não deve ser interferida, nem montada.

André Dusek em seu site, ao falar um pouco sobre si e sua Fotografia apresenta seu estímulo fotográfico: a busca da verdade; investigar e revelar e denunciar, pelas fotos, verdades, crimes e fatos que as pessoas não querem que sejam anunciados. Daniel Kfouri acredita que o problema não está na montagem da foto, mas sim na falta de transparência do fotógrafo ao não assumir a criação de uma encenação. Alberto Jacob, fotógrafo apresentado a nós na série, também evidencia seu interesse ao nos dizer que não deve existir contentamento somente com o que vê, sendo necessário ir atrás, buscar a informação.

Figura 16 - Questionamento da série

Fonte: Caliban/cinema e conteúdo, 2014.

Aprofundando um pouco mais na ética, Silvio Tendler (2014) questiona os fotógrafos em relação à violência explícita. Daniel Kfouri ao ser perguntado e

questionado sobre uma Fotografia que fez acerca do tema (Figura 16); ele comenta que não mostrar a violência não altera nada; relembra que a pauta, da Fotografia mostrada, era de que não deveria ser uma foto explícita, que não chocasse o leitor, mas que comunicasse de maneira poética a fatalidade ocorrida, e mesmo exibindo-a sem ser explícita demonstra que ainda existe o poder de chocar, comover.

Figura 17 - ocorrência fotografada por Daniel Kfouri

Fonte: Caliban/cinema e conteúdo, 2014.

Em contrapartida, Alcyr Cavalcanti, recentemente falecido, mestre em antropologia e fotógrafo há mais de 50 anos, pensa o oposto de Daniel Kfouri. Alcyr opta por mostrar a violência para que ela seja uma denúncia, deve ser registrada, como um incentivo para não ocorrer mais, já que para ele, se trata de um compromisso com a história e a violência é um documento histórico. Também é muito interessante ressaltar que durante seu relato, Alcyr usa o termo *caçadores de imagem* para definir os fotógrafos.

Apesar dos diferentes modos de interpretar e exibir a violência, Custódio Coimbra retoma nesse episódio para relatar sua experiência dentro do fotojornalismo e provoca uma outra reflexão que permeia a ética, a violência e a Fotografia: a sensibilidade, ou falta dela. Custódio Coimbra em meio a narração da história de uma Fotografia que fez, conta que mesmo ao se deparar com uma cena trágica, por horas, estava preocupado com os aspectos técnicos da Fotografia e

chega a se questionar no fim do relato sobre o que estava buscando, seria a beleza? seria o quê?

E esta situação não foi um episódio à parte. Outro relato trazido por ele foi a respeito do *sequestro do 174*. Em 2000 um assaltante entrou na linha de ônibus 174, no Rio de Janeiro, e fez reféns durante quatro horas, um episódio que marcou o Brasil. Custódio Coimbra que trabalhava no Rio foi convocado para somar equipe na cobertura da ocorrência e conta que apesar de ler nos lábios do sequestrador o que compreendia como escolha da vítima, pegou-se novamente buscando analisar seu enquadramento para fotografar da melhor maneira o fato.

> Com uma tele(objetiva) enorme. Vou pra lá, tá [...] na hora que eu enquadro, eu boto o foco assim, o cara tava assim.. eu vi pelos lábios (ele dizer) 'uni duni te salame mingue' entre duas cabeças. Eu olhei aquela cena e falei 'eu vou ter que fotografar'… pensando em enquadramento pela janela tentando limpar, (achar o) melhor ângulo, melhor… sabe…(Custódio Coimbra apud *Caçadores de Alma,* 2014, episódio 3, minuto 15:16).

Figura 18 - Sequestro do 174

Fonte: Caliban/cinema e conteúdo, 2014.

Intermediada por este tema, todos os fotojornalistas entram em acordo ao falar da subjetividade fotográfica e pela presença da imagem antes mesmo de ser fotografada. Custódio Coimbra revela que para ele, não há construção e sim um bom posicionamento diante do que a vida apresenta, bem como uma caça. Márcio RM, fotógrafo dedicado há 42 anos, diz que em seus trabalhos procura sempre

fotografar o momento único – bem como Custódio Coimbra no sequestro do 174. Antonio Scorza dialoga com esse ato ao dizer que este momento dura milésimos de segundos e que é nele que o seu olhar, fruto da sua vivência e prática, trará a diferença e a subjetividade.

Januário Garcia – que busca impulsionar pelo seu trabalho os registros da afrodescendência – diz que a Fotografia já foi feita na sua casa, milésimos antes de clicar, sendo o clique somente a concepção da Fotografia. Complementando essa ideia, concluo que você percebe a movimentação, compreende o ocorrido, imagina o momento, aguarda ele acontecer e fotografa tudo em poucos segundos. Daniel Kfouri acrescenta esses pensamentos ao relatar que a montagem já acontece ao passo que se posiciona a câmera no rosto.

O filme *Guerra Civil*[23] *(*2024) sintetiza muito bem esses relatos, sentimentos e aprendizados. Nele, nós acompanhamos a trama de três jornalistas que viajam pelo país para conseguir a foto perfeita em meio a um cenário de crise devido a guerra que se instaura. O filme explora o papel do fotojornalismo, dos riscos, bem como reflexões sociais e do crescimento da mídia – apresentada pela metáfora dos personagens que rodeiam o redator, a Fotografia analógica, a Fotografia digital e a reportagem televisiva, gravada. Nela, nos deleitamos dos riscos que a profissão possui, dos enfrentamentos éticos e das marcas que o trabalho fotográfico deixa ao passo que se experimenta, demonstradas por efeitos visuais que representam o sentir e o fruto desse contato. Demonstrado na imagem 19, do trailer do filme.

[23] filme produzido pela A24 e dirigido por Alex Garland;

Figura 19 - Guerra civil

Fonte: Lionsgate Movies, 2024.[24]

[24] Imagem retirada do trailer, Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=U7_0-Su-pus, acesso em 20 de novembro de 2024.

3. ATO III

Figura 20 - Preparatório

Fonte: Registro pessoal, 2024.

Neste capítulo será debatido as fundamentações que sustentam a Fotografia dentro do campo de aprendizagem essencial do ensino nas artes visuais, refletir sobre o contexto social e a partir disso e dos aprendizados oriundos da série debatida, criar um plano de aula que possibilite uma aplicação criativa do ensino da Fotografia, fomentando o interesse do discente e a melhor utilização da Fotografia como metodologia de ensino.

Plano de Aula:

Disciplina: Artes Visuais

Turma: 9º ano (Ensino Fundamental – anos finais)

Tema: Fotografia e sua importância documental

Objetivos:

1.Objetivo geral:

– Estimular o pensamento crítico, autoconhecimento e identificação a partir, e para, a produção fotográfica.

2.Objetivos específicos:

– Reconhecer-se em um estilo fotográfico (caçador, recolhedor ou agricultor);

– Traçar uma produção fotográfica crítica;

– Incentivar a criatividade, intencionalidade e narrativa na compreensão e interpretação das imagens.

Conteúdos:

– A história da Fotografia e sua relação com a preservação da memória;
– Abordagens fotográficas: agricultor, caçador e recolhedor
– importância narrativa para produção e análise crítica.

Recursos didáticos: Celular e/ou camêra, caderno, lápis, projetor e imagem impressa.

Avaliação: A avaliação se dará a partir da produção fotográfica, dos debates sobre análise crítica e na capacidade de identificar sua abordagem fotográfica.

– **atividade:** em grupo, ou individual, os alunos terão que produzir três Fotografias que representem uma história e que tenha um significado, a partir de duas perguntas: qual impacto eu desejo com isso? qual o estímulo que me levou a essa escolha?

– **critérios adotados para correção:** será avaliado coerência narrativa, estilo fotográfico, participação na análise crítica, criatividade.

É importante destacar que, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 1996), os cursos anteriormente denominados Educação Artística ou Artes Plásticas passaram a ser estruturados como Artes Visuais. Essa mudança reflete uma abordagem mais ampla, incluindo diferentes linguagens artísticas, entre elas a Fotografia. Para tratar do plano de aula proposto, recorremos à leitura do *Plano de Ensino de Artes Plásticas,* escrito por Yara Regina Mello, Neide Campos e Fabíola Búrigo Costa (2003).

Embora o texto ainda faça alusão às denominações e terminologias passadas optamos por manter as terminologias conforme empregadas pelas autoras, mas cabe ressaltar, que este TCC insere-se no contexto de um curso de Artes Visuais - Licenciatura.

De maneira didática, as autoras Yara Regina Mello, Neide Campos e Fabíola Búrigo Costa (2003), nos apresentam um mapa mental de um plano de ensino propondo demonstrar as necessidades fundamentais que um plano de ensino deve suster. O livro, bem como a maneira que foi escrita, nos lembra e orienta como uma mapa mental, apresentando inicialmente o *Para quem?* e o *Por quê?* Estas são as perguntas principais para orientar-se ao planejar seu plano de ensino. O *Por quê?* é fundamentado na justificativa do propósito do seu plano; os autores também nos relembram neste momento sobre a relação aluno-professor, e que, ao produzirmos o plano de ensino, devemos adequá-lo ao contexto social histórico - situação na qual estamos inseridos e é de grande relevância, pontuado por todos os autores, não esquecermos dessa conduta de preocupação pois, infelizmente o ensino básico não possui sua estrutura de oportunidades igualitária, o que faz com que tempo, profundidade no conteúdo, material tenha que ser adaptado ao ambiente escolar inserido. A bagagem cultural, tanto do aluno quanto do educador, também devem ser levadas em consideração e também que haja uma interação sócio-objetiva.

Aprofundando o texto, ele nos apresenta a terceira etapa: *Para quê?* que contempla os objetivos que se pretende alcançar; desmembrando se em Objetivo Geral - que observa de modo amplo os resultados perceptíveis e focalizada no aprendizado global do plano - e os Objetivos Específicos que esclarece de maneira clara e detalhada os pormenores que serão aprendidos pela atividade e pelo objetivo geral. A título de exemplo para melhor compreensão dos Objetivos, apresento os objetivos, para disciplina de Educação Artística - Artes Plásticas[25], empregados neste capítulo pelotas autoras:

> Objetivo Geral: Propiciar uma educação estético-visual mobilizadora e rica, que permita ao aluno uma leitura do seu contexto sócio-cultural-histórico de forma atuante, crítica e significativa. Objetivos Específicos: - Ampliar o contato com a produção artístico-cultural do contexto social do aluno e do patrimônio cultural da humanidade, contextualizando-a no tempo e no

[25] Reforço que mantivemos as terminologias tal como empregadas pelas autoras, contudo, estas já foram atualizadas.

> espaço. - Promover a alfabetização visual-estética através da pesquisa e exploração e da manipulação dos elementos estruturais da linguagem artística…(Yara Regina Mello, Neide Campos e Fabíola Búrigo Costa, 2003).

Ao decidirmos a turma focalizada, a justificativa e os objetivos, passa-se a pensar no conteúdo que deve ser ensinado - *O que ensinar?* - estruturando os conteúdos em segmentos, e seus subcapítulos, para detalhar-se os tópicos a serem dedicados em sala de aula. No texto, por ser um plano de ensino e seu conteúdo compõe as aulas anuais, e para as séries do I e II do Ensino Fundamental, sendo assim o conteúdo é maior e abrangente, se dividindo em dois capítulos (*Estrutura da Imagem* e *Contexto*) e subcapítulos - Na *Estrutura da Imagem*, destrincha-se os *elementos formais, compositivos, material* (técnica) e *tema e conteúdo* e no *Contexto* os 4 subcapítulos trarão os elementos, fundamentos e princípios, que são os p*rincípios básicos, Arte no tempo, funções e propostas das Produções Artísticas* e os *Estilos*.

Após isso nosso mapa mental - o texto - fala sobre o *Estímulo Gerador,* como ponto inicial para conseguir iniciar o processo de ensino-aprendizagem, fazendo com que reflitamos a forma que devemos abordar o conteúdo a partir da série/ano pois mesmo que o conteúdo seja o mesmo, a abordagem deve compreender, estimular e atrair os discentes. As autoras trazem estímulos-geradores para cada série, como por exemplo para a 1ª série - I grau[26] o estímulo-gerador baseia-se no mundo onírico, na imaginação, que aproxima o que os alunos estão especializando nessa faixa etária; já a 1ª série - II grau o estímulo-gerador reflete de maneira mais individualizada em que o aluno busque dentro das artes suas relações afetivas, exponencializando sua pesquisa e produção artística, se for do interesse do aluno. E fundamentado nisso partiremos para pensar nos recursos que serão necessários para as aulas, tanto aulas práticas bem como as teóricas, essa elaboração dos recursos são necessárias pois é por meio dela que todo o conteúdo será passado; se houver materiais que infelizmente não se são possíveis devido ao contexto-social

[26] Cabe ressaltar que terminologias como ‘1ª série - I grau’ e ‘1ª série - II grau’ não são mais utilizadas. A nomenclatura do modelo atual foi formalizada com a LDB de 1996, que reorganiza as etapas do ensino. Atualmente, nomeia-se como 1º ano do Ensino Fundamental e 1ª série do Ensino Médio respectivamente. Optou-se por manter, no texto, as terminologias empregadas pelas autoras.

escolar, deve se pensar em um recurso possível, que deliberará uma novo forma de apresentar os conteúdos.

> Consideramos a avaliação como parte integrante do processo ensino-aprendizagem e que tem a função diagnóstica, entendida como processo contínuo de informação, análise e reflexão sobre o desenvolvimento e desempenho dos alunos nas práticas artísticas (Yara Regina Mello, Neide Campos e Fabíola Búrigo Costa, 2003).

Outra etapa crucial, para finalizarmos, é a Avaliação. É muito interessante que no texto os autores exibem não só os motivos pelos quais a avaliação é importante mais também traz variedades de técnicas avaliativas, e isso é muito importante dado que conteúdos, séries, características da turma requerem diferentes tipos de avaliação; não limitando a um padrão de avaliação que engesse ou não demonstre as verdadeiras evoluções de aprendizagem do aluno. Sendo assim, a avaliação pode vir por intermédio dos exercícios de leitura de obra, caderno de registro, desempenho de participação, auto-avaliação, conteúdos práticos, dentre muitas outras classificações de avaliação.

Também foi necessário, ainda pensando na produção de um plano de ensino, absorção dos domínios da BNCC[27](2018) para que possa ser cumprido o conjunto de aprendizagens, denominado para cada etapa de desenvolvimento do aluno, solicitados pelo normativo governamental. Essa visão preocupada com a assimilação do conteúdo e desenvolvimento pessoal transpassada através das matérias.

O ensino de Artes Visuais está incorporado na Base Nacional Comum Curricular[28], a BNCC, na área de Linguagens. O componente curricular de Artes é estruturado em cinco linguagens artísticas sendo elas: Artes Visuais, Dança, Música, Teatro e Artes Integradas e permeia o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Nela, é estabelecido as competências e habilidades específicas para desenvolver em cada etapa da formação do aluno, evidenciado o progresso das habilidades expressivas, criativas e críticas dos discentes através do ensino de Artes.

[27] A BNCC é um documento normativo que define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os estudantes têm o direito de desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica no Brasil.

[28] A BNCC é um documento normativo que define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os estudantes têm o direito de desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica no Brasil.

> As Artes Visuais são os processos e produtos artísticos e culturais, nos diversos tempos históricos e contextos sociais, que têm a expressão visual como elemento de comunicação. Essas manifestações resultam de explorações plurais e transformações de materiais, de recursos tecnológicos e de apropriações da cultura cotidiana. BNCC (2018, p. 195)

A Fotografia está integrada dentro do componente de Artes no ensino de Artes Visuais mas também é importante ressaltar que a Fotografia também se encontra permeando as outras áreas do conhecimento. Campanholi (2014) apresenta no seu artigo um pouco da história da Fotografia na educação, também comentada na Introdução desta monografia, ela relata que "a Fotografia na História da Educação sempre esteve presente em dois segmentos: a Fotografia como ilustração de texto e a Fotografia como registro de aulas." e isso é perceptível dentro da BNCC dentro dos campos de aprendizagem de outros componentes curriculares como História e Geografia que aproveitam da Fotografia como forma de análise de contextos. Como podemos ver neste exemplo no campo da Geografia, escrita na BNCC (2018, p. 363):

> Por sua vez, na unidade temática F**ormas de representação e pensamento espacial…** Espera-se que, no decorrer do Ensino Fundamental, os alunos tenham domínio da leitura e elaboração de mapas e gráficos, iniciando-se na alfabetização cartográfica. Fotografias, mapas, esquemas, desenhos, imagens de satélites, audiovisuais, gráficos, entre outras alternativas, são frequentemente utilizados no componente curricular. Quanto mais diversificado for o trabalho com linguagens, maior o repertório construído pelos alunos, ampliando a produção de sentidos na leitura de mundo. Compreender as particularidades de cada linguagem, em suas potencialidades e em suas limitações, conduz ao reconhecimento dos produtos dessas linguagens não como verdades, mas como possibilidades.

Já a Fotografia, dentro do componente de Artes pela BNCC, é citada e dada nas habilidades como uma forma de expressão artística e também como recurso digital (que se encontra nas Artes Integradas) nos processos de criação artística:

> Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, Fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais. (EF15AR04).
>
> Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, Fotografia, softwares etc.) nos processos de criação artística. (EF15AR26) (Brasil, 2018, p. 201, 203).

Para além disso, a Fotografia, por natureza, trabalha praticamente com todas as Competências Específicas de Arte para o Ensino Fundamental mas principalmente "estabelecer relações entre arte, mídia, mercado e consumo,

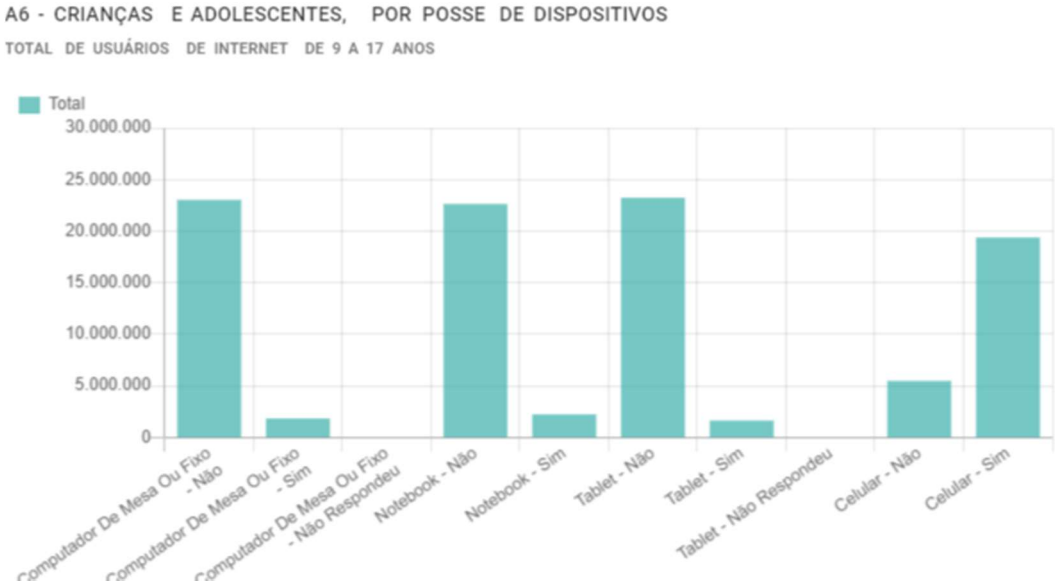
compreendendo, de forma crítica e problematizadora, modos de produção e de circulação da arte na sociedade' e desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes" (BNCC, 2018, p.198).

Também é muito importante não esquecermos das realidades sociais que encontramos dentro da Educação Básica pública. Quando se trata de tecnologias, o uso da Fotografia nem sempre é possível, visto que, pela desigualdade social que nos encontramos, não é todos que têm acesso ao uso do telefone celular bem como as escolas não possuem verbas suficientes para comprar materiais tecnológicos como celulares e câmeras para que possam ser usadas em atividades de aprendizagem.

O Cetic.br, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação, da CGI.br, Comitê Gestor da Internet no Brasil, vinculado há NIC.br, Núcleo de Informação e Coordenação do ponto BR, fez uma pesquisa[29] em 2021 com o objetivo de coletar informações referente a crianças que possuem, em posse, dispositivos digitais. Essa pesquisa foi realizada com 24.867.392 crianças e adolescentes, desses 5.479.279 têm celulares, isso mostra que mesmo com o crescimento de adolescentes e crianças com posse de dispositivos eletrônicos ainda 22% deles não tem acesso e por isso devemos nos atentar às questões sociais dos nossos alunos ao aplicar atividades que fazem o uso de materiais tecnológicos (uma vez que para trabalhar com a Fotografia, a câmera fotográfica pode ser substituída pela câmera do telefone celular sendo mais acessível e prático).

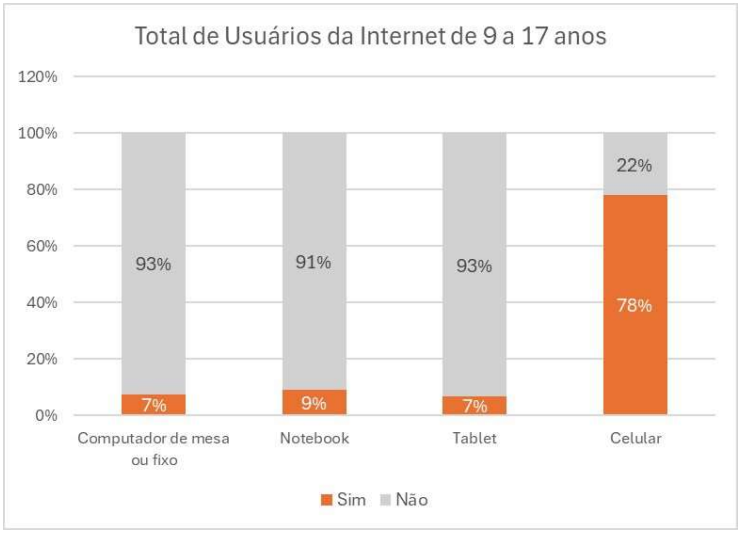
[29] Fonte: CGI.br/NIC.br, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil – TIC Kids Online Brasil 2021.

Figura 21- gráfico da pesquisa



Fonte: CGI.br/NIC.br, Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação, 2024.

Figura 22- Gráfico do total de usuários da internet de 9 a 17 anos



Fonte: adaptação, de autoria própria, do gráfico do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação, em 2024.

Figura 23- Quantitativo de respostas

	Sim	Não	Não respondeu	Total respostas
Computador de mesa ou fixo	1.831.544	23.034.657	1.191	24.867.392
Notebook	2.231.958	22.635.434		24.867.392
Tablet	1.630.524	23.236.606	261	24.867.391
Celular	19.388.113	5.479.279		24.867.392

Fonte: adaptação, de autoria própria, das respostas da Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil – TIC Kids Online Brasil 2021.

Para a criação do plano de aula, foi pensando na transdisciplinaridade que a Fotografia permite, utilizando assim as análises dos episódios: *As trilhas da natureza* e *Fotojornalismo, a ética e a caça.* Partindo dessa escolha e amparado com os textos de Mello, Campos e Costa (2003. p.229-238) e Hernández e Ventura (1998. p.93-146) inicia-se a ideia para o plano de aula.

Ainda sobre a transdisciplinaridade, penso que este plano de aula pode também desenvolver-se em um projeto coletivo simultaneamente com outras matérias escolares, desde a Sociologia, História bem como Biologia e Geografia, envolvendo mais duas competências específicas da arte para o Ensino Básico sendo 'problematizar questões políticas, sociais, econômicas, científicas, tecnológicas e culturais, por meio de exercícios, produções, intervenções e apresentações artísticas." e Experienciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte" BNCC (2018, p. 198).

O plano foi pensado para alunos da etapa final do Ensino Fundamental, 9º ano, e desenvolvida em duas aulas, uma teórica e outra prática, e tem como objetivo introduzir os alunos a conceitos como fotojornalismo e Fotografia da natureza bem como conscientizá-los e incentivá-los sobre a importância da Fotografia e seu poder de documentação. Assim, entender os temas e desenvolver habilidades de observação, narrativa visual, olhar artístico e sua identidade expressiva por meio da arte fotográfica.

> Através de um processo de percepção e expressão, o conhecimento será construído na interação aluno-professor, permitindo o aluno apreensão do contexto socio-cultural-histórico em que está inserido, a fim de que possa atuar sobre ele de forma crítica e significante. (Costa, Campos e Mello, 2003, p.230)

Nesse sentido o conteúdo a ser introduzido, que é o fotojornalismo e a Fotografia de natureza, leva em consideração, todos os aprendizados expressos pelos artistas, levantando os debates inseridos na série para sala de aula pois que, para além da compreensão da matéria também entender a compreensão pré-conceituada do aluno fomentando assim um debate sobre a Fotografia, as percepções, e as novas descobertas. Por conseguinte a habilidade de "(EF69AR03)

analisar situações nas quais as linguagens das artes visuais se integram às linguagens audiovisuais…” e ‘’(EF69AR07) dialogar com princípios conceituais, proposições temáticas, repertórios imagéticos e processos de criação nas suas produções visuais.” BNCC (2018, p. 207).

A metodologia baseia-se no campo de estudo da Arte e Cultura Visual. Como “a Cultura Visual é uma estratégica para compreender a vida contemporânea” (MIRZOEFF, 2003, apud SARDELICH e SANTOS, [s.d.], [s.p.]), isso faz com que ela observe o cotidiano que, no caso da nossa atividade busca aferir a reflexão, através da imagem, os cotidianos e a realidade que os alunos estão inseridos, buscando a compreensão e reflexão do seu próprio contexto sociocultural. Em que, de maneira rizomática, pela transdisciplinar da Cultura Visual, trazer o diálogo em busca de promover debates importantes sobre fotojornalismo, Fotografia da natureza e até os movimentos por lutas socioambientais, entendendo como os significados culturais, sociais e históricos influenciam e são influenciados pela sociedade e como a Fotografia pode contribuir para o desenvolvimento dessas reflexões e questionamentos e assim conectar a vida cotidiana dos estudantes com os elementos a serem trabalhados.

Portanto, a divisão das atividades por aula tem como planejado uma primeira aula teórica em que será criado um espaço de debate, apoiado na Cultura Visual como dito anteriormente, e introduzindo as diferentes abordagens fotográficas. No segundo momento, é dada a prática.

Na prática os alunos buscarão através da Fotografia jornalística e das técnicas também apresentadas na Fotografia de natureza, trazer elementos artísticos e críticos, a fim de contestar e/ou denunciar melhorias/cuidados perante tudo aquilo que rodeia o contexto social que está inserido.

A partir dos relatos dos fotógrafos, os alunos de igual maneira também estarão obtendo, pela prática, aprendizados como espera, paciência, espontaneidade, por consequência aprender a lidar com frustrações (advindos dos aprendizados da Fotografia da natureza), ser crítico, investigar, responsabilidade e preocupação com o que se é contato, que fotográfo você é (caçador, agricultor ou recolhedor) e pensamentos técnicos (advindos do fotojornalismo).

Como refletido anteriormente, é muito necessário compreender a condição social da escola a ser aplicada. Em função disso, o recurso para fotografar, para a prática pedagógica, os alunos podem usar os próprios dispositivos celulares para registrar. E subsequente, os resultados podem ser utilizados para uma exposição dentro da escola. A avaliação passaria a ser pelo resultado da participação dos alunos, além do desenvolvimento crítico e criativo.

O interessante também é que para acompanhar todo esse processo de pesquisa, autoconhecimento, os alunos escrevem, relatam, como forma de diário de estudo, suas motivações, observações e então sua caça.

4. ATO IV

Figura 24- da série “Encontros”

Fonte: De própria autoria,l 2024.

Durante a disciplina de Laboratório de Produção Artística II, realizei experimentações fotográficas que culminaram na produção de 10 Fotografias relacionadas ao tema pertencimento. Nesse processo me reconheci como um resultado de cada tipo fotográfico, tornando-me ora agricultora, ora caçadora e ora recolhedora. Esse processo aliada a pesquisa reforçou minha percepção da Fotografia como um estudo de autoconhecimento mas principalmente como uma professora com o seu grande recurso pedagógico.

A Fotografia não se limita ao registro fotográfico, ela é uma revolução contínua, tanto na população – que se faz presente antes mesmo do seu surgimento oficial, proveniente das pesquisas e que se desenvolvem até hoje por meio dos avanços tecnológicos – quanto na educação. Seu impacto “encarna” reflexões críticas, memórias, olhar social e compreensão cultural e “eterniza” o conhecimento.

Como resultado dessa pesquisa, desenvolvi um plano de aula que reconhece a relevância da Fotografia como recurso pedagógico e busca proporcionar o melhor aproveitamento dos aprendizados acompanhados pela Fotografia, incentivando que

olhemos para a Fotografia como uma área exploratória, reflexiva e educativa, a partir do ato fotográfico, na educação e na comunidade com as culturas que a cercam. E para além do plano de aula, compreender que podemos fazer o uso de linguagens e definições usadas na Fotografia como um método estratégia pedagógica também é uma grande contribuição para o desenvolvimento educativo a partir da Fotografia.

É igualmente importante considerar não apenas as possibilidades pedagógicas, mas também os desafios que podem surgir no âmbito da Educação Básica. Desafios que podem impactar tanto o desenvolvimento prático das atividades quanto o corpo discente, influenciando a implementação eficaz dessas práticas no espaço escolar. Não podemos esquecer de que a viabilidade da abordagem ainda depende da acessibilidade dos recursos, infraestrutura institucional e do treinamento adequado dos professores, por isso sempre é necessário pensarmos em recursos suplentes que possam oferecer uma experiência ainda produtiva.

É fundamental que os governantes se dediquem à formulação de estratégias e investimentos voltados para a melhoria da educação, ao passo que os recursos destinados ao ensino são ampliados e aperfeiçoados, torna-se essencial que as escolas acompanhem esse progresso, garantindo, assim, a oferta de um ensino de qualidade acessível e plural, conforme nos ensina a LDB.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Araquém. **Sobre**. Disponível em: https://araquemalcantara.com/sobre/ . Acesso em: 18 nov. 2024.

ARAÚJO, Orlando. **Sobre o fotógrafo Orlando Brito**. Disponível em: https://www.orlandobrito.com/ . Acesso em: 19 nov. 2024.

BARROS, Armando M. de. **Tratamento das imagens na formação do pedagogo.** Comunicação & Educação, São Paulo, [1.5]: 21 a 28, maio/ago 1999.

CAMPANHOLI, Julie A. M. **Fotografia e Educação:** O uso da Fotografia na prática docente. Revista Primus Vitam, n. 7, p. 1 a 18, 2º semestre de 2014.

CAVALCANTI, Alcyr Mesquita. **Biografia de Alcyr Mesquita Cavalcanti**. Disponível em: http://www.labhoi.uff.br/verbetesfotografia/node/20#:~:text=Alcyr%20Mesquita%20Cavalcanti%20nasceu%20no,Antropologia%20pela%20Universidade%20Federal%20Fluminense . Acesso em: 19 nov. 2024.

CULTURA FOTOGRÁFICA. **Daniel Kfouri**: a fotografia enquanto denúncia. Disponível em: https://culturafotografica.com.br/daniel-kfouri-a-fotografia-enquanto-denuncia/ . Acesso em: 18 nov. 2024.

DA SILVA MELO, G. **Araquém Alcântara**, fotógrafo do povo e da natureza brasileira. Disponível em: https://www.epics.com.br/blog/araquem-alcantara-fotografo-do-povo-e-da-natureza-brasileira . Acesso em: 18 nov. 2024.

DUSEK, André. **Sobre o fotógrafo André Dusek**. Disponível em: https://andredusek.com.br/ . Acesso em: 19 nov. 2024.

FLORENCE, Hercule. **Hercule Florence**: pioneiro da Fotografia no Brasil. Instituto Hercule Florence, 2021. Disponível em: https://ihf19.org.br/pt-br/ensaios-e-reflexoes/hercule-florence-pioneiro-da-Fotografia-no-brasil,12#:~:text=Personagem%20com%20m%C3%BAltiplos%20interesses%20e

,alternativos%20para%20a%20reprodu%C3%A7%C3%A3o%20gr%C3%A1fica . Acesso em: 19 nov. 2024.

FLORENCE, Hercule. **Poligrafia**. Instituto Hercule Florence, s.d. Disponível em: https://ihf19.org.br/pt-br/hercule-florence/inventos/poligrafia . Acesso em: 19 nov. 2024.

FOTOS PÚBLICAS. **Entre lentes e emoções:** a trajetória do fotojornalista Wilson Pedrosa. Disponível em: https://www.fotospublicas.com/blog/entre-lentes-e-emocoes:-a-trajetoria-do-fotojornalista-wilson-pedrosa . Acesso em: 18 nov. 2024.

GARCIA, Januário. **Januário Garcia** - fotógrafo e artista visual. Disponível em: https://www.januariogarcia.com.br/ . Acesso em: 19 nov. 2024.

HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. **A organização do currículo por projetos de trabalho**: o conhecimento é um caleidoscópio. Porto Alegre: ARTmed, 1998. p. 93-146.

IATÃ CANNABRAVA. **Sobre**. Disponível em: https://iatacannabrava.com.br/sobre . Acesso em: 18 nov. 2024.

INSTITUTO MOREIRA SALLES (IMS). **Walter Firmo**. Disponível em: https://ims.com.br/titular-colecao/walter-firmo/ . Acesso em: 18 nov. 2024.

MARTINS, Raimundo. **Pensamento e Investigação em Arte e Educação. Artes Visuais**, s/a. Disponível em: https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/licenciatura-em-artes-visuais/modulo/3/002.html . Acesso em: 17 jun. 2024.

MELLO, Yara Regina B.; CAMPOS, Neide P. de; COSTA, Fabíola C. Búrigo. Plano de Ensino de Artes Plásticas. In: COSTA, Fabíola C.B.; CAMPOS, Neide Pelaez de (orgs.). **Artes visuais e escola**; para aprender e ensinar com imagens. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2003. p. 229-238.

PEDROSA, S. M. P. de A.; FIGUEIREDO DA COSTA, A. V. de. Fotografia e Educação: **Possibilidades na produção de sentidos dos discursos visuais.**

Nuances: Estudos sobre Educação, Presidente Prudente, v. 28, n. 1, p. 78–94, 2017.

Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil. Brasil: Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação, 2021. Disponível em: https://data.cetic.br/explore/?pesquisa_id=13&unidade=Crian%C3%A7as%20e%20Adolescentes . Acesso em: 31 out. 2024.

SAGGESE, Antonio. **Antonio Saggese**. Disponível em: https://www.premiopipa.com/pag/antonio-saggese/ . Acesso em: 18 nov. 2024.

Sardelich, Maria Emília; Santos, Noeli Batista dos. Compreensão e Interpretação de Imagens. In: Licenciatura em artes visuais: percurso 5. [ebook]. GUIMARÃES, Leda Maria de Barros; PEROTTO, Lilian Ucker (Orgs.). Goiânia : Gráfica UFG, 2019. 86 p. (Coleção Licenciatura em artes visuais ; v. 5) Disponível em: https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/licenciatura-em-artes-visuais/modulo/5/002.html e acesso em: 17 jun. 2024.

MUSEU DA CIDADE DE SÃO PAULO. **Exposição: Uma outra cidade, um outro tempo** – Iatã Cannabrava. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oqm-Au3WxWU>. Acesso em: 19 nov. 2024.

GRILO NA FOTO. **Wilson Pedrosa, repórter fotográfico e ex-editor do jornal O Estado de S.Paulo.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Eeh0LRV2a-U . Acesso em: 21 nov. 2024.

TENDLER, Silvio (Direção). **Fotojornalismo, a ética e a caça**. Episódio: Caçadores da alma. Brasil: Caliban Produções Cinematográficas, 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4dUkDOg_I4c&list=PL0KF5droRVFjs1Jp08J4MoBZyFHZUhiYr&index=3 Acesso em: 13 nov. 2024.

TENDLER, Silvio (Direção). **Nas trilhas da natureza**. Episódio: Caçadores da alma. Brasil: Caliban Produções Cinematográficas, 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=IcsXEewG18c&list=PLwxioR-gtNk_jNAVwmdFYT

VtcqH8Uza7 Acesso em: 13 nov. 2024.